

PERFIL

Cinema de mercado, mas feito em casa

Um dos principais polos de audiovisual fora do eixo Rio-SP, produtora de Jorge Furtado trabalha em ritmo intenso. Por **Alexandre Rodrigues**, para o Valor, de Porto Alegre

N o chão da sala, um mural reúne nomes e fotos de belas atrizes candidatas a um papel. Um grande quadro branco se estende por duas paredes com anotações sobre personagens e também títulos da escritora inglesa Agatha Christie (1890-1976) rabiscados pouco acima de sua cabeça. É nesse cenário que Jorge Furtado trabalha enquanto finaliza seu próximo filme, "O Mercado de Notícias", com estreia marcada para novembro.

"É uma mistura de documentário e drama. Jornalismo é um dos meus assuntos preferidos", diz Furtado. Com depoimento de jornalistas mesclados à encenação da peça homônima do poeta e dramaturgo inglês Ben Jonson (1572-1637), o filme é o quinto longa do diretor. A obra marca também os 25 anos da Casa de Cinema de Porto Alegre, da qual é um dos sócios, uma das principais produtoras independentes de filmes e programas de TV fora do eixo Rio-São Paulo.

Com oito longas, três documentários e 16 curtas no currículo, além de dezenas de programas e nove séries para Rede Globo, HBO, Futura, RBS e os estrangeiros Channel 4 (Reino Unido) e ZDF (Alemanha), a Casa de Cinema é um intenso polo de produção. Além de "O Mercado de Notícias", estão em produção os longas "Beleza", também de Furtado, e "Aos Olhos de Ernesto", de Ana Luiza Azevedo, e a série "Doce de Mãe", que estreia na Globo em 2014. O sucesso recompensa o modelo adotado por Furtado e um grupo de cineastas para viver de criação artística no Brasil.

Diferentemente do que é comum no cinema brasileiro, em que diretores começam seus filmes sem recursos para finalizá-los, as produções da Casa são feitas conforme os recursos disponíveis. Isso faz com que a produtora não se veja envolvida em projetos intermináveis. "Nós temos uma norma: o orçamento determina o projeto. Se o sujeito quer viver de cinema, tem que saber se pagar", afirma Furtado.

Nascido em Porto Alegre, em 1959, ele pensou primeiro em viver de medicina. Chegou a prestar vestibular e cursar a faculdade durante alguns meses, antes de pedir transferência para artes plásticas e, depois, jornalismo. Na faculdade, começaram os primeiros experimentos misturando ficção e documentário, que o levaram a se interessar por cinema. Em 1988, já havia dirigido dois curtas, "O Dia em que Dorival Encarou a Guarda" e "Barbosa", quando fez parte do grupo de 13 cineastas que criou a Casa de Cinema.

"A gente via o pessoal que começava aqui e ia para o Rio. Ou para São Paulo. A nossa ideia era fazer cinema aqui", diz Furtado.

O projeto era fazer um pequeno centro de produção em que os cineastas locais, ganhadores de dezenas de prêmios, mas que não conseguiam colocar seus filmes nos mercados, dividiriam uma sede e as despesas. Mas, em 1990, Fernando Collor assumiu a Presidência e fechou a Embrafilme, principal financiadora do cinema brasileiro. Sem verba, as produtoras decidiram unir esforços. "Diziamos: 'temos que fazer um filme que seja'".



Jorge Furtado faz parte do grupo de 13 cineastas que fundou a Casa de Cinema de Porto Alegre, que completa 25 anos

"Nós temos uma norma: o orçamento determina o projeto. Se o sujeito quer viver de cinema, tem que saber se pagar", diz Furtado

O curta "Ilha das Flores" surgiu nesse contexto. Criado a partir de um convite de uma universidade para que Furtado fizesse um vídeo sobre os catadores de lixo numa das ilhas do rio Guaíba, em Porto Alegre, o filme ganhou o Urso de Prata de curta-metragem no Festival de Berlim de 1990, sete prêmios em Gramado, em 1989, e troféus em Nova York, Alemanha e França. A carreira do curta ajudou a evitar que a produtora naufragasse junto com o resto do cinema nacional. "Por dois anos nós vivemos da repercussão do 'Ilha'", lembra o diretor.

Em 1992, no entanto, a maioria dos sócios originais acabou saindo para abrir suas próprias produtoras. Pesou a decisão da Casa de não trabalhar com publicidade, mantida até hoje. "Não tenho nada contra a publicidade", afirma Furtado. "Eu mesmo trabalhei muito com publicidade, mas ela é avassaladora, com muito dinheiro no meio. Se você começa a trabalhar com publicidade, vai dedicar cada vez mais tempo a isso."

Ficaram três casais: além do cineasta e da mulher, a produtora Nora Goulart; Giba Assis Brasil e Ana Luiza Azevedo e Carlos Gerbase e Luciana Tomasi, todos nomes de destaque no cinema brasileiro. Com essa formação peculiar — em 2011, foi a vez de Gerbase e Luciana deixarem a empresa para abrir a própria produtora, a Prana Filmes —, a Casa e seu modelo de negócios deram vazão aos projetos do sexto.

Outra marca da época foi a participação nos programas eleitorais do PT. De 1992 a 2000, a produtora trabalhou em cinco eleições, com quatro vitórias e uma derrota petistas para a prefeitura e o governo do Estado. Com linguagem jovem e ágil, a propaganda renovou as campanhas políticas locais. A parceria, no entanto, se desfez. Segundo o diretor, devido a um duplo esgotamento.

"De um lado, àquela altura as outras campanhas tinham ficado parecidas com as nossas. Do outro, a gente fazia campanha como militante também e já tinham começado algumas práticas de que todos sabemos", diz Furtado, numa referência ao mensalão e outros escândalos. "De repente, todo mundo, inclusive no PT, entrou numa de ganhar por ganhar."

O diretor, a essa altura, preparava o primeiro longa, "Houve Uma Vez Dois Verões" (2002). Para um longa de baixo orçamento — R\$ 780 mil, na época metade do que custava um filme nacional —, a produção teve um sucesso surpreendente, com 80 mil espectadores. Vieram na sequência "O Homem que Copiava" (2003), "Meu Tio Matou um Cara" (2004) e "Saneamento Básico" (2007), além de quatro curtas, metragens, especiais e séries de TV. Além de finalizar "O Mercado de Notícias", Furtado se prepara para as filmagens do longa de ficção "Beleza", drama sobre a busca de um fotógrafo por modelos em cidades do interior do Rio Grande do Sul.

Em paralelo à carreira de cineasta, Furtado há duas décadas colabora com o núcleo de Guel Arraes na Globo como roteirista e diretor de dezenas de programas e séries, como "Luna Caliente", "A História do Amor" (quadro do "Fantástico") e "Decamerão - A Comédia do Sexo". No ano que vem, dirigirá "Doce de Mãe", série com Fernanda Montenegro, mais uma produção da Casa de Cinema.

Furtado também assina os roteiros dos filmes "Benjamin" (2003, de Monique Gardenberg) e "O Coronel e o Lobisomem" (2005, de Maurício Farias), além de ter escrito um romance, "Trabalhos de Amor Perdidos" (2009, Objetiva), e um livro de contos, "Meu Tio Matou um Cara e Outras Histórias" (2002, L&PM). Traduziu ainda "Alice no País das Maravilhas" e "Alice Através do Espelho", de Lewis Carroll. "Ele escreveu o tempo todo", afirma Nora, produtora, mulher e sócia. Os dois se conheceram em 1986 na produção do filme "O Dia em que Dorival Encarou a Guarda". Casaram-se em 1990 e tiveram três filhos: Pedro (que é ator), Julia e Alice Furtado.

Atualmente, a rotina tem sido quebrada por reuniões quase semanais na Globo, no Rio, por conta de "Doce de Mãe". Mas no resto do tempo, ele escreve. Algumas vezes, por mais de 12 horas seguidas. "Faço muitas coisas ao mesmo tempo. Descanso de uma coisa na outra." Oito roteiristas trabalham sob seu comando. O ritmo de trabalho reflete o ritmo da Casa de Cinema,

que mobiliza 50 profissionais a cada projeto. "De um tempo para cá a gente entrega o produto fechado. Escreve, dirige e filma aqui." É o caso de "Doce de Mãe", comédia com roteiro de Furtado e Ana Luiza Azevedo. "Trabalho com a mesma equipe desde os anos 80. Tive duas experiências de dirigir fora daqui e foi muito estranho."

Na casa de dois andares numa rua tranquila do bairro Rio Branco, em Porto Alegre, onde funciona a Casa de Cinema, a rotina empresarial evita as longas e intermináveis reuniões. "Há uma reunião semanal dos quatro sócios. Essa é lei. No resto do tempo, estamos conversando. O Giba está montando um filme ali, eu vou lá sempre. Estamos nos falando o tempo todo", diz Furtado.

As ideias dos projetos partem mais dele e de Ana Luiza, os dois roteiristas de ofício.

Nora cuida da produção e Giba Assis faz a montagem dos filmes. Isso em tese. Ele é roteirista em alguns trabalhos, assim como Ana Luiza dirigiu curtas e o longa "Antes que o Mundo Acabe". Ela e Furtado também dividem a direção em "Doce de Mãe". De alguma forma, todos acabam trabalhando nos filmes de todos.

"As vezes a gente troca de função", diz Nora Goulart. A dificuldade de trabalhar em casais nunca criou problemas? "Seria difícil se não fosse uma coisa útil e prazerosa", diz. "O grande segredo é saber o talento de cada um", afirma Furtado.

Em 2012, segundo dados da Agência Nacional do Cinema (Ancine), o mercado de cinema no Brasil atingiu o recorde de R\$ 1,6 bilhão. Mas dos 83 filmes brasileiros lançados, apenas cinco ultrapassaram os cem mil espectadores. Os dez menos tiveram menos de mil pagantes. Filmes como os de Jorge Furtado são um caso raro no cinema nacional, ficando no meio do caminho. "Houve Uma Vez Dois Verões", "O Homem que Copiava", "Meu Tio Matou um Cara" e "Saneamento Básico" foram vistos por um total de 1,5 milhão de pessoas.

"O crítico de cinema [Inácio Araújo me disse uma vez numa mesa: 'Tem os filmes que são um megassucesso, 2 milhões de pessoas, tem os filmes que ninguém vê e tem os filmes que não são uma coisa e nem outra'"]", conta Furtado.

Os longas costumam ter orçamentos entre R\$ 3,5 e R\$ 4 milhões, valor considerado médio no cinema nacional. "Beleza" capotou R\$ 1,3 milhão do BNDES e Eletronôis.

A produtora costuma participar de editais para financiar seus filmes. Outra parte da verba vem dos acordos de distribuição com estúdios ou coproduções, como em "Beleza", parceria com a Globo Filmes.

Mas se a Casa continua a produzir cinema, a maior parte da produção hoje é voltada para a TV. Segundo Furtado, reflexo das mudanças no mercado e também da tecnologia. A Lei da TV paga, que exige conteúdo nacional dos canais a cabo, e o sucesso de séries nacionais abriram as portas às ideias dos roteiristas. "Hoje existem as 'nanaaudiências'. Quando penso numa série, penso que não dá para a Globo, mas pode dar para a HBO." Outra parte da renda da produtora — 25%, segundo Nora — vem da reexibição das obras na televisão.

Furtado ainda vê problemas em produzir para a internet. "Ainda tem questões a serem resolvidas para se monetizar. Está começando com o Netflix." Mesmo assim o sucesso do grupo Porto dos Fundos aponta que novos formatos fazem sucesso e estão mais flexíveis. "Esses formatos soltos quebram a lógica de que o programa deve ser completo, e você pegar todos os esquetes que eles já fizeram, vai dar a quantidade de dois episódios do TV Pirata [programa humorístico da Rede Globo dos anos 1980]", diz Furtado.



"O Mercado de Notícias", que estreia em novembro; produções na Globo e HBO estão no currículo da Casa de Cinema